

PERFIL DA SEXUALIDADE DE JOVENS E ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DO MUNICÍPIO DE BOM JESUS-PI

Maria Majaci Moura da Silva¹

I - INTRODUÇÃO

Após anos de observação resultado da intensa convivência com jovens e adolescentes em várias escolas públicas e privadas, constatou-se que a sexualidade interfere na questão da identidade, principalmente do adolescente, e assim interfere no processo de aprendizagem. O jovem que tem conhecimento de si, de sua sexualidade, passa a ter um maior desenvolvimento escolar, à medida que a relação entre auto-conhecimento, sexualidade e a curiosidade acontecem, a aprendizagem é otimizada no espaço escolar.

Parte dessa curiosidade tem a ver com a sexualidade, abrindo caminho para a curiosidade acerca da sexualidade, abri-se também caminho para a curiosidade sobre o mundo, curiosidade científica, curiosidade filosófica, curiosidade à procura de conhecimento. Na sociedade brasileira, uma das portas mais fechadas para a curiosidade diz respeito à sexualidade.

A família não sabe como responder, o que responder e o que não responder, quando são bombardeados com questionamentos sobre a sexualidade dos filhos. O adolescente ainda não tem espaço para perguntar nem tampouco a confiança de que receberá respostas honestas. A sexualidade é um dos aspectos mais importante da personalidade, mas acaba ficando confinada a um saber não muito confiável. (GUIMARÃES, 1994)

¹ Prof^a do Colégio Agrícola de Bom Jesus – UFPI - Coordenadora do Projeto de Educação Sexual na Escola e na Comunidade – PESEC – e-mail : majaci@ufpi.br.

Ainda hoje o sexo é um tabu, é um assunto onde faltam especialistas, nas escolas não é inserido nos currículos, com o objetivo de formar e informar os adolescentes e jovem.

Atualmente está melhor, onde a minoria das famílias já se permite a intimidade da conversa sobre a sexualidade, ou a possibilidade dos pais perceberem que existe sexualidade na família, coisa que anos atrás não acontecia

A sociedade brasileira é bastante narcisista e a sexualidade que vemos na mídia, é baseada na aparência e na conquista do poder sobre o outro, tanto para homens como para mulheres. Nesse sentido, a orientação sexual é importante porque ela vai facilitar o questionamento e possibilitar a aquisição de um outro tipo de ideologia sexual. (RESEMBERG,1985)

O principal papel da orientação sexual na escola é possibilitar ao jovem reorganizar sua ideologia sobre a sexualidade. Para isso, não basta um especialista que somente vai proferir uma palestra, mas um trabalho sistemático que irá clarificar justamente o questionamento sobre os valores vigentes e possibilitar ao jovem ampliar sua autonomia e descobrir seus próprios valores diante da sexualidade. (BARROSO,1995)

Esse trabalho não deve ser feito só com o adolescente, mas também com os pais, pois grande parte das dificuldades não vem da mídia, vem dos pais. Não há ninguém em nossa cultura que lide tranqüilamente com a sexualidade, existem aquelas pessoas que lidam com mais facilidade e outras com menos, mas para a maioria das pessoas o tema ainda é difícil. (BARROSO, 1995)

Explorar com curiosidade os prazeres corporais ligados à sexualidade, entender a sexualidade como algo mais do que a relação sexual. Levar em conta a questão do erotismo, da sensualidade, a importância de um bom contato corporal, mas principalmente entender que a sexualidade é um meio para que nos relacionemos com o outro, não é um fim em si mesma. (FOUCAULT, 1997)

Esse é o grande problema, pois a sexualidade não é fim, é meio, é um caminho para que uma pessoa possa se relacionar com outra e consigo mesma.

Lidar bem com a sexualidade é entender que esse é um caminho na maioria das vezes gostoso.

A diferença entre educação sexual e orientação sexual segundo Marta Suplicy: é que a primeira, a família, a escola e a sociedade como um todo fazem mesmo antes do nascimento do jovem. Envolve a moral sexual vigente na família e na sociedade,

envolve a maneira de ver a masculinidade e a feminilidade, envolve, enfim, as expectativas sobre a sexualidade do indivíduo. A segunda, é um espaço que tem dentro da escola para discussão sobre essa educação. É um espaço para a informação, para que o jovem possa se apropriar dessa informação e transformá-la em conhecimento.

Tem-se atualmente muita informação sobre sexualidade, mas pouca possibilidade para que o jovem as elabore e as transforme em conhecimento. Por exemplo, vejamos dois problemas afetos à sexualidade, que são a AIDS e a gravidez. É raríssimo hoje um jovem que não saiba que transar engravida, e que não saiba da necessidade do uso da camisinha, mas muitos não usam porque não transformaram essa informação em conhecimento, não se apropriaram dessa informação, e acabam ou pegando AIDS ou tendo gravidezes perigosas. Confirmando as pesquisas que apontam, a maior causa de mortes de mulheres até 19 anos é o aborto. (CAMARGO, 1999)

A escola pode ajudar o adolescente quando entra na fase de inquietação com sua sexualidade, pois toda sua atenção e energia acabam concentradas nesta descoberta. Se na escola reserva um espaço de discussão sobre a sexualidade para o adolescente, isto tende a minimizar, o jovem sabe que determinadas coisas poderá discutir no lugar e no momento apropriado, pois não ficam só com ele as dúvidas e inquietações. (SUPLICY, 1999).

Grande parte desse pensar exclusivamente (ou quase exclusivamente) na sexualidade traz uma questão importante na mente do jovem: será que isso está acontecendo somente comigo? Quando o jovem reparte com outros jovens, e, acompanhado por um adulto confiável, divide aquelas ansiedades, aquelas angústias, aquele calor tão comuns a todos, ele sossega um pouco, ele se torna um ser humano com maior possibilidade de exercer sua curiosidade de forma mais abrangente.

Como são as brincadeiras na escola? Até onde estas brincadeiras não estão carregadas de sexualidade, ou sensualidade? Como é a arquitetura da escola, dos banheiros da escola. Como são dispostas as carteiras em sala de aula? Qual é o nível de relação de poder que se estabelece entre as diversas hierarquias: direção, colegiado, administrativos e serviços gerais? Que relações as secretarias estabelecem com essas escolas, sejam elas municipais, estaduais ou particulares? Até onde a escola é o espaço propiciador para a reflexão emancipadora e libertadora da alienação ou, apenas um aparelho de repetir as mesmas coisas? (VIDAL, 1998)

Deve a escola lidar sobre a sexualidade, ou não?

Devem os responsáveis relegar a escola o ensino sobre sexualidade, ou não?

Se os (as) responsáveis sabem que são limitados (as) quanto ao ensino sobre sexualidade e não esperam nada da escola, esperam que seus filhos e filhas aprendam aonde? Narua? E, como as escolas vão dar esta formação aos alunos e alunas se professores e professoras têm sérias dificuldades em abordar estes temas em sala de aula seja por total desinformação, seja porque ela ou ele próprio não sabe lidar com sua própria sexualidade; seja porque têm medo das reações de censura dos (as) responsáveis quanto aos conteúdos? Como esta escola deverá lidar com alunos (as), professores (as), pessoal administrativo que seja gays, lésbicas, travestis, transgêneros ou bissexuais? (YUS, 1998)

O presente trabalho é resultado de um Projeto de Educação Sexual nas Escolas e na Comunidade, promovido pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Piauí – FAPEPI e coordenado pela Universidade Federal do Piauí, realizado no Colégio Agrícola de Bom Jesus. Trata-se de um estudo descritivo e avaliativo construído a partir das opiniões dos participantes das atividades do projeto.

A sexualidade é atualmente vista como um problema de saúde pública, sendo a escola local privilegiado para implementação de políticas públicas que promovam a saúde de jovens e adolescentes. Buscou-se primeiramente identificar o perfil da sexualidade destes jovens através da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, para em seguida promover um curso de orientação e educação sexual na escola para professores e alunos da rede pública e privada no município de Bom Jesus no Piauí.

Assim, ela foi constituída, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em tema transversal, a fim de disseminar-se por todo campo pedagógico e irradiar seus efeitos em domínios os mais heterogêneos. Analisou-se o dispositivo da sexualidade nos PCNs, buscando identificar a concepção de sexualidade ali presente, a singularidade histórica desta proposta e seus possíveis efeitos na escola, visando a transversalidade e interdisciplinaridade da sexualidade. (BUSQUETS, 1999)

O tema da sexualidade está na “ordem do dia” da escola. Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas. Recentemente ela, a sexualidade, foi constituída, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em tema transversal. (YUS, 1998)

MATERIAIS E METODO

Diante da situação preocupante de adolescentes grávidas, ainda cursando o ensino fundamental no Colégio Agrícola de Bom Jesus, nasceu a necessidade de conhecer as causas e desenvolver algo para minimizar tal problema.

Surgiu então o Projeto de Educação Sexual na Escola e na Comunidade, que consistia em conhecer o perfil da sexualidade dos jovens e adolescentes e em seguida capacitá-los através de cursos de extensão. A metodologia se deu a partir da aplicação de questionários a 731 estudantes com faixa etária entre 13 a 25 anos de idade, em cinco escolas, sendo uma federal, três estaduais e uma particular, onde duas são diurnas e três noturnas.

O questionário contemplou as seguintes perguntas: Sua escola discute sobre sexo? Você tem vida sexual ativa? Com quantos anos começou? Usa preservativo? A família orienta sobre a sexualidade? Qual a idade ideal para começar discutir a sexualidade dos jovens e adolescentes? Qual a relação da saúde com a sexualidade? E finalmente pede que apontem temas que gostaria de discutir no curso de capacitação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 731 sujeitos pesquisados em uma escola federal, uma particular e três estaduais, 96% aprovam a educação sexual na escola, a partir das primeiras séries do ensino fundamental. Consideram que os/as professores/as ainda não estão preparados/as para a tarefa e que a formação em sexualidade humana deveria ser garantida pelas secretarias de educação e pelas universidades, alegam ainda que há dificuldades para a inserção de novas práticas na escola, referido-se principalmente à carência de recursos materiais, pessoal capacitado e ao pouco apoio institucional.

O que mais surpreendeu na pesquisa foi a idade da primeira relação sexual, entre as mulheres 72,86% com 12 a 14 anos de idade e entre os homens 45,82% iniciaram entre 14 a 17 anos de idade. Isto justifica o alto índice de meninas grávidas e sendo obrigadas a desistirem de estudar ou continuarem seus estudos.

Os meninos estão começando mais tarde. Grande parte de meninos de classe média para cima (a diferença social faz muita diferença na vivência da sexualidade) está escolhendo adiar a primeira relação sexual, e a cultura de levar meninos a prostíbulos faz parte do passado.

Entre os professores e alunos pesquisados 75,38% vêem a sexualidade como um problema de saúde pública, sendo a escola local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de jovens e adolescentes.

Com relação a conteúdo temático, os temas considerados “ fáceis” foram aqueles relacionados mais diretamente ao biológico, como: o corpo, processos fisiológicos da reprodução, DSTs e aids , métodos contraceptivos e outros, e “difíceis” ou “problemáticos” os que envolvem valores tais como a homossexualidade, o aborto e o abuso sexual.

Um aspecto interessante quando foi comparado esse dado com a resposta sobre quem deveria se ocupar da educação sexual na escola: quase a metade (46%) aponta algum profissional da área biomédica (professor/a de ciências e biologia, médico/a ou psicólogo/a). Um traço revelativo de como as ciências biomédicas são ainda consideradas o *locus* por excelência dos saberes sobre sexualidade.

Foi analisado justamente a necessidade de selecionar professores/as de diversas disciplinas e oferecer abordagens multidisciplinares. Por serem considerados problemáticos esses temas, podem ser discutidos por profissionais capacitados e não discutidos de maneira superficiais e empobrecidos.

Onde 75,38% dos pesquisados vêem a sexualidade como um problema de saúde pública, sendo a escola local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de jovens e adolescentes.

Com raríssimas exceções, o corpo docente de muitas escolas está devidamente preparado para lidar com a temática - Educação Sexual, ao menos no que está prescrito em forma paradigmática, de modelo, nos chamados Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN.

Os PCN descrevem a disciplina de Educação Sexual (é denominado por Orientação Sexual,) numa perspectiva transversal, o que remete as disciplinas ditas fixas, como matemática, português, história, etc. tenham que contê-la, de alguma forma. Assim, teríamos, por exemplo, textos na disciplina de português, que poderiam ser pesquisados pelos alunos e alunas, que contivessem temáticas ou algum substrato ligado a sexualidade para que, em sala de aula, a/o professora/r demonstrasse como historicamente "as palavras" são constituídas de teor erótico, sexual; na sua métrica, na poética, descrições, narrações, etc.

Na geografia teríamos, no que se refere a geografia política, por exemplo, a etno-geografia, que trataria de aspectos regionais e culturais da sexualidade constituídas

na relação que as pessoas têm com o ethos, com o espaço biodiverso em que elas estão inseridas. A partir daí, a história poderia juntar estas duas informações e mostrar como a sexualidade distingue-se no que diz respeito a questão tempo-espaço-simbologia, códigos sociais e, como isso se deu no encontro de pessoas pertencentes a diversos grupos. Como os códigos de conduta sexuais passaram de geração a geração, de cultura a cultura, apenas para refletir com os/as alunos/as.

Nas ciências, no caso da biologia, por exemplo, a sexualidade ainda restrita a terminologias que remetem a função reprodutiva dos órgãos genitais. Aparelho reprodutivo masculino, aparelho reprodutivo feminino, são expressões ainda muito encontradas em livros didáticos. E, na verdade, estes são aparelhos sexuais que, além de se prestarem a reprodução, podem se prestar ao prazer, ao desejo. Mas, o prazer, assim como o desejo, não são tratados na biologia. Porque?

De que forma se pode tratar sobre sexualidade no universo da ciência matemática, da física, da química? Um bom experimento matemático em relação a sexualidade ou ao sexo é, por exemplo, trabalhar com as formas poligonais do corpo; a física poderia tratar de como o corpo humano sofre com a gravidade terrestre e a química, com as reações que se produzem no organismo humano quando um adolescente tem sua corrente sanguínea inundada por hormônios sexuais.

O corpo docente, sob uma direção eficaz, poderá sempre produzir um plano político pedagógico para a escola que não somente trate da sexualidade sob os aspectos primários, como a morfofisiológica humana, os desejos e as atrações sexuais. Mas, há os aspectos éticos e morais que devem fazer parte da matriz curricular.

Assim, por exemplo, não se pode falar de sexualidade sem que se tenha em mente que este aspecto está diretamente ligado a outros como o respeito a diversidade sexual, a diversidade de desejos sexuais, a diversidade de orientações sexuais, cidadania, a diversidade de expressões do afeto, apenas para citar alguns pontos. Como, de acordo com o conjunto de valores morais, incluímos e excluimos as pessoas. Tudo isso tem a ver com a estrutura social onde está incluída esta escola, que tipo de currículos e bibliografias construímos e com que propósitos: de manter o que está hegemonicamente estabelecido ou, numa direção que permita a reflexão, a pesquisa, o encontro de novas respostas para as mesmas questões?

As pessoas confundem muito sexo com sexualidade. Principalmente, confundem o lugar delas, esquecem que o sexo fica entre as pernas; a sexualidade, entre as orelhas.

Levamos nossas cabeças e o que temos no meio de nossas pernas às universidades, e para todas as partes do globo terrestre, quer onde estejamos, o sexo e a sexualidade estarão lá conosco. Esta inquietude gerou as seguintes perguntas: porque as universidades insistem em evitar a sexualidade? Porque o Ministério da Educação pensou que devemos tratar sobre sexualidade somente na formação pré-acadêmica? Porque não temos uma Educação Sexual na academia? Porque as especialidades acadêmicas não incluem as sexualidades já que todo o seu corpo discente e docente é constituído de pessoas devidamente sexuais?

Se os(as) profissionais que saem das universidades são dessexualizados(as) e vão trabalhar na formação de crianças e adolescentes, o sistema hegemônico se retroalimenta e forma novos imbecis sexuais. Se estes (estas) profissionais vão para instituições ou empresas, certamente não deixarão de ser imbecis sexuais, e suas vidas sexuais serão muito difíceis.

Portanto, eis a questão: se grande parte da felicidade das pessoas está intimamente relacionada com a forma com a qual ela se relaciona com a sua sexualidade e com a das demais pessoas; se sabemos que grande parte do sofrimento humano advém de nossa ignorância, dos impedimentos relacionados ao exercício pleno de nosso desejo afetivo-erótico-sexual, então porque evitamos isto?

CONCLUSÃO

As escolas, de maneira geral, ainda lidam de forma muito velada com a sexualidade. É preciso que se crie coragem para ampliar o espaço da orientação sexual regular, embora com alguns cuidados, por exemplo: o risco da orientação sexual tornar-se algo normativo, onde não haja espaço para o jovem descobrir seus próprios valores. Outro risco que é o de a orientação sexual se tornar uma matéria obrigatória. Na orientação sexual e que isso seja bom, e a tendência é se colocar como obrigatório.

A aprendizagem é feita pelo corpo todo, o corpo aprende, somos um corpo, e a educação tradicional despreza o corpo, busca só uma aprendizagem intelectual. A orientação sexual é uma das formas de propiciar ao aluno um maior conhecimento sobre seu próprio corpo, é uma das formas de você estar lidando com coisas que estão mexendo com o corpo inteiro, lidando em termos de raciocínio, de reflexão, e também preocupados com o sentir e o perceber-se.

Através deste estudo, percebemos que ainda é necessário discutir mais profundamente as implicações sociais, subjetivas e políticas da inclusão do tema da sexualidade na educação. Se está claro tratar-se de uma demanda por parte tanto de educadores/as, estudantes e comunidades, qualquer decisão envolvendo programas de educação sexual na escola precisa carregar consigo certas perguntas: educação sexual para quê e como? Que se espera produzir? Que concepções de sexualidade se deseja explorar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BARROSO, C. e BRUSCHINI. **Sexo e juventude. Como discutir a sexualidade na escola e em casa**. 3. Ed. São Paulo, Cortez. 1995. Pag. 48-98

BUSQUETS, Maria Dolores. **Temas transversais em educação**. São Paulo: Ática, 1999.

CAMARGO, Ana Maria F.; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna e Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola. Mito e realidade**. Unicamp, Mercado de letras. 1994. S. Paulo.

LOURO, Guacira. **“Pedagogias da sexualidade”**. In: _____. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PETRY, Sabrina. **“Gravidez precoce diminui qualidade de vida”**. Folha de S. Paulo, 6 maio 2001. Cotidiano, p. C 5.

ROSEMBERG, Fúlvia. **“A educação sexual na escola”**. Cadernos de Pesquisa, n. 53, p. 11-19, mai. 1985.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola**. 2. ed. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1999.

VIDAL, Diana G. **“Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio de Janeiro (1930-1940)”**. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa B. (Org.). Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 1998.

YUS, Rafael. **Temas transversais: em busca de uma nova escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.